

EU RESPEITO, EU INCLUSO. COMO?

Andréia Xavier da Silva Oliveira¹
Georgea Lins Oliveira²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a importância do respeito às pessoas com deficiência no contexto escolar, reconhecendo a escola como espaço privilegiado para a formação cidadã e para a construção de uma cultura inclusiva. Justifica-se pela necessidade de combater práticas capacitistas, ainda presentes na sociedade, e de promover um ambiente educacional que valorize a diversidade, a equidade e a participação de todos os estudantes.

O trabalho desenvolvido fundamentou-se nos princípios da educação inclusiva, conforme defendido por Mantoan (2006), que destaca a centralidade do acolhimento e da acessibilidade no processo educativo, e também se ancora na pedagogia crítica de Paulo Freire (1996), que enfatiza o diálogo e a empatia como fundamentos para uma educação humanizadora. Nesse sentido, o trabalho articula-se às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual prevê o desenvolvimento de competências socioemocionais e a promoção de atitudes de respeito às diferenças como parte integrante do currículo.

Assim, busca-se não apenas ampliar a compreensão dos estudantes acerca da temática da inclusão, mas também estimular práticas de reflexão crítica que os capacitem a atuar como protagonistas na transformação de atitudes excludentes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, plural e democrática.

¹Mestra em Ciências da Educação, Unades – PY, andreia.silva@prof.edu.natal.rn.gov.br

²Mestra em Ciências da Educação, Unades – PY, georgeaolins@yahoo.com.br



METODOLOGIA

A pesquisa desenvolveu-se com base em uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, uma vez que buscou compreender percepções, atitudes e práticas relacionadas à inclusão e ao respeito às pessoas com deficiência no ambiente escolar. De acordo com Minayo (2012), a pesquisa qualitativa permite a interpretação dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências, favorecendo uma compreensão mais profunda dos fenômenos sociais e educacionais.

Quanto aos procedimentos metodológicos, o estudo caracterizou-se como uma pesquisa de campo, por envolver a observação direta e a participação dos estudantes em atividades pedagógicas realizadas no contexto escolar. Também assumiu um caráter interventivo, pois propôs ações educativas com vistas à sensibilização e à promoção da inclusão.

As etapas metodológicas foram estruturadas em três momentos principais:

1. Rodas de conversa, que promoveram o diálogo sobre os conceitos de deficiência, inclusão e capacitismo;
2. Compartilhamento de experiências pessoais e relatos de situações vivenciadas ou observadas pelos alunos;
3. Produção de cartazes coletivos, como síntese visual e reflexiva do processo de aprendizagem, voltados à valorização da diversidade e ao incentivo ao respeito mútuo.

Os participantes foram estudantes do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Professor Paulo Nobre, localizada em Macaíba/RN. A escolha desse público justifica-se pela relevância de abordar, nessa faixa etária, questões voltadas à convivência, empatia e formação cidadã. Assim, a metodologia adotada privilegiou a escuta ativa, o diálogo e o protagonismo estudantil, em consonância com os princípios da pedagogia crítica Freireana (FREIRE, 1996) e com a perspectiva de educação inclusiva defendida por Mantoan (2006), que orientam práticas pedagógicas pautadas no respeito, na participação e na construção coletiva do conhecimento.



REFERENCIAL TEÓRICO

Essas reflexões dialogam com a concepção freireana de educação libertadora, que valoriza o diálogo e a construção coletiva do conhecimento como caminhos para a transformação da realidade (FREIRE, 1996). Da mesma forma, Mantoan (2006) enfatiza que a educação inclusiva não se restringe ao acesso físico, mas envolve a criação de espaços pedagógicos acolhedores, onde todos os sujeitos possam aprender e participar ativamente. Nesse sentido, as práticas realizadas demonstraram que a vivência da inclusão promoveu um aprendizado significativo, pautado em valores de empatia, solidariedade e equidade.

Em consonância com Vygotsky (1998), o aprendizado ocorre nas interações sociais mediadas, o que reforça o papel das rodas de conversa como instrumento de construção coletiva do saber e desenvolvimento de atitudes inclusivas. Portanto, o trabalho contribuiu para a ampliação da consciência crítica dos estudantes e para a consolidação de uma cultura escolar mais democrática e humanizadora.

Em síntese, a experiência evidenciou que práticas pedagógicas fundamentadas no diálogo e na colaboração são fundamentais para a construção de uma escola inclusiva. O envolvimento dos alunos nas ações propostas reafirma a importância de metodologias participativas e reflexivas, capazes de promover o desenvolvimento integral e a formação cidadã. Assim, o projeto reafirma o papel transformador da educação ao estimular o respeito, a empatia e a valorização da diversidade como princípios éticos e sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados indicaram um aumento significativo na conscientização dos alunos sobre a importância do respeito mútuo e da valorização das diferenças. A produção dos cartazes funcionou como uma ferramenta de sensibilização, engajando a comunidade escolar e promovendo o protagonismo estudantil. Esses resultados estão alinhados com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que propõe o desenvolvimento de competências socioemocionais voltadas para o convívio ético e o respeito à diversidade (BRASIL, 2017, p. 35).



A análise das falas dos estudantes evidenciou a ampliação do olhar crítico sobre o conceito de inclusão. Em alguns relatos das atividades em grupo, obtivemos os seguintes comentários: “Inclusão é muito importante na sociedade para que aprendamos a compreender as diferenças das outras pessoas.” Em outro comentário, uma estudante enfatizou que: “A inclusão é muito mais do que estar presente, significa que todas as pessoas são bem-vindas do jeito que são.” Já outro aluno destacou: “Ser diferente não é um problema, o problema é ser tratado de forma diferente. Incluir não é pedir que ele se adapte, é me aceitar como sou e valorizar as diferenças.”

Figura 1 – Roda de conversa sobre capacitismo.

Professora da Sala AEE conduzindo diálogo em sala sobre o conceito de capacitismo.



Fonte: Acervo da autora (2025).



Figura 2 - Produção coletiva de cartazes sobre inclusão.



Fonte: Acervo da autora (2025).

Figura 3 – Socialização e diálogo sobre os resultados das reflexões sobre a inclusão.



Fonte: Acervo da autora (2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do trabalho possibilitou a construção de práticas pedagógicas voltadas para a valorização da diversidade e o enfrentamento de posturas capacitistas no ambiente escolar. As ações realizadas promoveram reflexões significativas, ampliando a consciência crítica dos estudantes sobre a importância do respeito mútuo e da inclusão como princípios fundamentais da convivência social.

A experiência revelou que estratégias como rodas de conversa, produção de cartazes e partilha de relatos favorecem o engajamento estudantil e estimulam o protagonismo juvenil, fortalecendo o papel da escola como espaço de diálogo e formação cidadã. Observou-se que o envolvimento dos alunos ultrapassou os limites da sala de aula, mobilizando a comunidade escolar e incentivando a consolidação de uma cultura de acolhimento e respeito às diferenças.

ENCAMINHAMENTOS FUTUROS

Como desdobramento dessa experiência, sugere-se a ampliação do projeto para outros segmentos escolares e a realização de formações continuadas para professores sobre práticas inclusivas. Além disso, recomenda-se a integração de ações interdisciplinares que envolvam toda a comunidade educativa, garantindo a continuidade das reflexões sobre a inclusão e o fortalecimento de uma cultura escolar mais justa e solidária.



RESUMO

O presente trabalho, intitulado “*Eu respeito, eu incluo. Como?*”, foi desenvolvido com estudantes do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Professor Paulo Nobre, localizada em Macaíba/RN. Teve como objetivo promover reflexões acerca do respeito às pessoas com deficiência e do enfrentamento de práticas capacitistas no ambiente escolar. A metodologia adotada fundamentou-se na abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, com base em rodas de conversa, relatos de experiências e produção de cartazes. A proposta buscou fomentar o diálogo e a construção coletiva do conhecimento, em consonância com os princípios da educação inclusiva (MANTOAN, 2006) e com a pedagogia freireana (FREIRE, 1996), que valorizam a escuta, a empatia e a participação dos sujeitos no processo educativo. Os resultados apontaram para o fortalecimento da consciência crítica e para o engajamento dos alunos em práticas de respeito e valorização da diversidade, em alinhamento às competências socioemocionais previstas na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). Conclui-se que experiências dessa natureza contribuem significativamente para a construção de uma cultura escolar inclusiva, democrática e humanizadora, pautada no diálogo e no reconhecimento das diferenças como valor social.

Palavras-chave: Inclusão; Capacitismo; Educação; Diversidade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.
- MANTOAN, M. T. E. (2006). A inclusão escolar: o que é e como fazer.
- FREIRE, P. (1996). Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.
- MINAYO, M. C. de S. (2012). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 13. ed. São Paulo: Hucitec.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

